

Com as tripas na mão e já de retirada, com toda a alma a sangrar e a consciência aberta na ferida deu a poeta a lume este feixe de versos. Testemunho e ajuste de contas, mas também reivindicação e chamada de quem erguia por última vez a bandeira de reivindicação e orgulho nacional que ela mesma levantara vinte anos antes.

Desesperança, amargura existencial, diálogo com a sociedade do seu tempo, amor intelectualizado pelo sarcasmo desde o feminino espelham a respeito dos *Cantares galegos* a mudança do contexto político, social, pessoal e cultural. A desesperança antitética daquele mundo e projeto vital e profissional nas Espanhas que se pensava possível. A Restauração Canovista (1875-1923) na sua fase inicial de choque com a sua maquinaria centralizadora e destruidora das culturas não castelhanas e das liberdades, junta-se à perseguição social dos intelectuais liberais e a constatação da impossibilidade de ser mulher e autora num mundo imobilizado em ilusões, farsas e falsificações de católicos Impérios e com uma intelectualidade e comércio da escrita submetido às regras do poder e à imprensa partidária.

Poemas escritos ao longo dos anos, de profunda e galeguíssima filosofia fortemente humana, cética e retranqueira formalizada em alto modo lírico com a erudita base musical e pouso cultural que espelha as complexidades do pensamento. Um eu, deste jeito expandido e coletivizado através da fala popular por essa voz nacional consagrada, que se nega a entrar pelo caminho previsto de submetimento à realidade programada e se levanta para denunciar a incompreensão, a exploração, o genocídio cultural, histórico, paisagístico, patrimonial e humano da Galiza por parte desse Estado espanhol que se manifesta uma e outra vez exterminando sonhos, diversidades, vidas e esperanças, como pesadelo embrutecido da barbárie constante.

Folhas novas? Risa dá-me...



Folhas Novas



Rosalia de Castro **Folhas Novas**

Rosalia de Castro